

## QUEBRAS DE ARC E O CICLO DE COMUNICAÇÃO

A sessão modelo corrente é bastante curta. Mid-ruds-desde e puxar contenções é melhor do que os antigos ruds iniciais. Uma verificação de quebra de ARC no fim da sessão é muito melhor do que quaisquer ruds finais da velha sessão modelo, sendo limpas todas as linhas à medida que lêem. O material de pre-sessão é o mesmo de sempre. O resto da sessão decorre assim:

1. Metas para a sessão.
2. Mid-ruds-desde se TA em cima ou agulha suja.
3. Verificar a puxar quaisquer MWHs
4. Corpo de sessão.
  - a. Usar seja o que for para o atravessar.
  - b. Conversar um pouco antes de terminar o corpo da sessão.
5. Verificação de quebra de ARC se o pc não está muito feliz no fim da sessão.

O fraseado disto é ainda muito fixo. O único problema é sobre o que fazê-lo se uma pergunta de rud está limpa. Perguntar ao pc se ele concorda que está limpa pode provocar uma quebra de ARC, se ele sente que é impossível a pergunta estar realmente limpa.

6. Pegar em cada meta de (1) acima. Acusar a recepção ao pc por cada uma que atingiu.
7. Indagar quaisquer ganhos feitos em sessão. Não explorar esta pergunta. Acusar-lhes a recepção dizendo “Obrigado por teres feito esses ganhos”
8. Aperto de latas.
9. Fim de sessão.

A razão para a existência de uma agulha áspera no pc é o TR2 e TR4 do auditor estarem fora. “Limpem o TR2 e oTR4 e limparão agulhas que eu sei lá. Não é a sua significância, estão a ver. É o fluxo calmo do ciclo de audição”. Durante verificações de quebras de ARC, “consideramos normalmente uma agulha suja (ser) um WH (ou) algo que o pc fez”. Mas um TR2 fraco ou demasiado pesado também pode fazer isso.

Existem dois ciclos de comunicação num ciclo de audição:

1. Auditor → PC.
2. Pc → Auditor.

Estes ciclos podem operar independentes. Ambos têm que ser muito aceitáveis antes de termos um bom ciclo de audição. O pc nem sequer tem que dizer nada para a comunicação existir. Assim, pode obter-se do auditor um Factor-R como ciclo de comm. independente e do pc pode obter-se uma originação como ciclo de comm. independente do pc, como no caso do TR4. Neste caso acusar a recepção nem sequer é realmente necessário. Acusar artificialmente a recepção pode cortar uma originação pela base. Isto pode ser manejado com um aceno de cabeça ou expressão facial. A originação do pc só precisa de uma sombra de acusar de recepção para que o pc saiba que o auditor a apanhou. Se for algo engraçado para o pc e para o auditor, está O.K. que o auditor ria com o pc. Se puderem “projectar o

vosso pensamento” não precisam de TR2. Acusar a recepção pode por vezes indicar não compreensão da parte do auditor. O pc só precisa ter certeza que foi compreendido.

Um bom auditor de crianças obedece aos comandos de audição das crianças.

Na R3R não temos que perguntar ao pc se ele cumpriu o comando ou não. Em “move-te para o início do incidente” ele não tem que dizer que o fez. Obtemos um pinote no e-metro quando ele lá chega e podemos lançá-lo a partir desse ponto. Se o pc nos dá gluguglug , não dizemos ao pc que não compreendemos. Essa frase tem muita força. Além disso, dizê-lo, foi só essencialmente pedir-lhe para repetir o que acabou de dizer. Isto é peculiar ao Homo Sapiens. Obteremos apenas as mesmas palavras e isso não ajuda. Estamos é a pedir uma quebra completa de ARC. Queremos que o pc varie o discurso. O que nós queremos é uma explicação alargada, temos assim que ter a capacidade de o mandar fazê-lo sem o invalidar.

Aqui está a base da quebra de ARC; existe um ciclo de comunicação embatocado, por mais que possam existir outras coisas. O que o está a embatocar é a comunicação não ser totalmente detectada e compreendida. Na falta desses pontos não há ciclo de comunicação. A intenção do pc é causa, distância, efeito e esse ciclo é interferido não sendo a comunicação assim totalmente detectada. Esta é a urdidura e a teia de todas as quebras de ARC: comunicação que é parcialmente, mas não completamente detectada. Ou poderíamos detectar alguma coisa, mas não a receber. Por exemplo, digamos que o pc diz que se sente bem e não precisa de continuar. Nós dizemos: “bom, está bem, mas vamos continuar para preencher o tempo”. Aqui o pc vê que a comunicação não é recebida porque não é tomada qualquer acção. Vocês disseram que deveria ser outra coisa qualquer antes de chegar até vós. Por isso existe um linha de comunicação gorada. Podemos ter nisto uma Quebra de ARC estrondosa. Esta é a causa primária das quebras de ARC. Neste caso, A, R e C, estão fora porque o U está fora. Na verdade a comunicação é detectada.

As expectativas jogam nisto um papel. Podemos gritar para uma rocha. Desde que não esperemos a detecção, o nosso ARC não quebra. A audição é diferente porque as expectativas são diferentes.

Não existem outros tipos de Quebras de ARC. Todas elas são baseadas no ciclo de comunicação. A definição completa de Carga Ultrapassada é “parcialmente detectado”. Tinha que ficar parcialmente detectado porque deve ter sido remexido. “Um ciclo de comm. uma vez iniciado tem que chegar ao fim”. Se não o fizer, haverá por fim sarilho.

Poderíamos pensar que as pessoas nos cocktails estariam sempre a ultrapassar carga uns aos outros, porque estão sempre a detectar parcialmente que alguém falou. A única razão porque os corpos de carne wog não explodem durante os cocktails é que eles estão blindados. “Eles não estão à espera que alguém os oiça não havendo assim qualquer carga (comm.) parcialmente detectada”. É muito perigoso pedir uma comm. e depois não reconhecer o que foi recebido em consequência do pedido feito. Fazer isto é um convite a uma explosão.

Por exemplo um auditor pede um “incidente anterior”. O pc não o pode dar e quebra o ARC porque a pergunta toca um incidente anterior àquele que ele pode ver, ao qual não pode chegar. O banco do pc fica assim apenas parcialmente detectado e temos uma quebra de ARC. Sendo a banda do tempo como um punhado de minas alinhadas e magneticamente activadas, digamos que queremos a número 4. Atiramos um magnete par a mina número 8 e depois não sabemos porque se deu uma explosão. A mina número 8 responde, mas foi apenas parcialmente detectada, Uma maneira de detectar incidentes anteriores é encontrar a ordem de magnitude dos anos antes.

Um ciclo de comm. uma vez iniciado tem que chegar ao fim ou haverá uma perturbação. Por exemplo, o presidente promete comunicar com toda a gente, mas tem falta de habilidade para o levar a cabo. Isto é o que está por trás da revolução.

As pessoas que não sabem nada sobre o ciclo de comunicação acham tudo isto tão ameaçador e perigoso, que simplesmente decidem fugir de comunicar, porque elas não compreendem o que está a acontecer ou como remediar a perturbação. O desespero só entra quando a comunicação sai fora. Pensem nas sessões em que ficaram desesperados. A vossa resposta ao pc flui e reflui na medida em que puderem introduzir uma comunicação entre vocês e a aberração que está a incomodar o pc e rectificamo-lo e vemos a prova da sua descarga. “Não se preocupem com um caso por qualquer outra razão. Quando parece não alcançarem o pc ou o banco com a vossa comunicação, vocês ficam preocupados e perturbados. Quando perturbados como auditores, vejam que comunicação não estão a levar a cabo para com o pc e, vocês, como auditores, sentir-se-ão melhor.

Se o auditor se sente lastimoso, um ciclo de comm. está de esguelha, mas isto poderia acontecer de várias maneiras, do ponto de vista do pc. “Algum ciclo de comm. começou. Ele não foi . . . totalmente detectado . . . e não foi compreendido”. Isso está na base do ARC baixo ou das quebras de ARC nos vossos pcs. Mesmo quando o pc não tem uma quebra de ARC, reparando neste ponto ajudará a compreender qualquer coisa que não tinham compreendido antes sobre o vosso pc. Continuem a avaliar se estão a ultrapassar alguma carga. As bases das quebras de ARC ou ARC baixo são:

1. Algum ciclo de comm. começou.
2. Ele não foi totalmente detectado, mas ligeiramente detectado.
3. Ele não foi compreendido.

Na verdade, vamos ver um ciclo de comm. fora em qualquer pc porque ele não é OT. O ciclo telepático está usualmente fora. Pode existir o resultado leviano do pc não ter nunca compreendido o comando e sabê-lo ao menos vagamente. A razão porque é uma quebra de ARC é que a não compreensão põe dentro A e R. São os factores A e R que tendem a tornar o C incompreendido. Algo não chegou ao seu final.

“Um ciclo de comm. incompleto resulta sempre em carga ultrapassada”. Deveríamos saber que essa simples anomaliazinha pode acender a luz. Deveríamos também saber que causa e efeito funciona sempre nessa direcção. A “catástrofe” que estamos a manejear tem como origem uma simples anomaliazinha e não uma coisa complexa.

As coisas básicas que não sucederão nem serão detectadas são A, R e C. E as coisas básicas que estas três enfrentam são M, E, S e T. Temos assim a vivência da pessoa, ARC vs o universo material MEST. Ou será o indivíduo vs tempo. É o que impede, o A, R e C de completar o ciclo de comunicação. Há uma mentira na comunicação do indivíduo com o tempo ou no tempo de comunicação com o indivíduo.

“A carga ultrapassada começa como o início de um ciclo de comunicação” que não é totalmente detectado ou compreendido. Carga é energia excitada e canalizada numa certa direcção. Mas ela nunca chega porque não é totalmente detectada ou compreendida. Assim permanece sempre como carga ultrapassada, depois explode nalguma forma de dispersão. Nem sempre explode. Às vezes resulta apenas em tom baixo do pc que “ultimamente não se está a sentir muito bem”.

“Nós sabemos a magia . . . a natureza explosiva das relações interpessoais”. Sabendo estas coisas, devemos ser capazes de manejear melhor uma sessão. Não tenham medo que “manejar” signifique fazer sempre o que o pc diz. Façam simplesmente o pc saber que

receberam a sua originação e a compreenderam e continuem fazer o que estão a fazer. “É preciso ser perito na detecção de uma comunicação que começou. Quanto melhor formos, . . . menos quebras de ARC teremos”.

A verificação de quebra de ARC cobre todos os tipos de comunicação iniciados e não detectados na actividade que desenvolvemos, para assim poder detectar a carga ultrapassada correcta e não ter que disparar qualquer coisa como “um incidente anterior foi restimulado”. Decidir que lista usar poderia ser um problema. Procuramos no lugar certo. “Se a quebra de ARC é na sessão e fazem um form. de quebra de ARC, não a encontrarão”. Por isso usem a lista correcta. Se não obtém a carga ultrapassada estão a usar a lista errada. Peguem na lista certa. Vejam só que decidir qual a lista certa poderia ser um problema e usem outra lista se não encontraram a quebra de ARC. O principal erro que poderiam cometer é não ter a certeza que tudo está bem com o pc depois de terem “manejado” a quebra de ARC. Assegurem-se de que estão mesmo a tratar da carga ultrapassada.

As listas “localizar o tipo de carga ultrapassada, o tipo de ciclo de comm. que começou e nunca foi completado . . . Agora é convosco . . . localizar e indicar a carga ao pc. A carga não está na lista. Está no pc . . . A verificação não é a localização”, a magia é mesmo assim suficientemente boa para com frequência poderem obter um resultado simplesmente indicando o que foi verificado. Na verdade só obteremos um tipo de carga, não a carga, com a verificação. Ainda assim temos que localizar e indicar a carga específica. Se dizemos ao pc o que obtivemos na verificação e ele se sente melhor, óptimo. Não façam ondas. Mas se ele não se sente melhor ou se ainda ali há carga, encontrem a carga exacta que foi ultrapassada. Podem precisar de outra lista para a obter.

Assim, com uma verificação de quebra de ARC, há cinco passos para manejar carga ultrapassada.

1. Ver se há um quebra de ARC.
2. Verificar a lista apropriada.
3. Localizar a carga ultrapassada exacta.
4. Indicá-la ao pc.
5. Ver se a indicação estava bem para o pc. Se era uma data errada, conferir as que obtiveram ou ver se está na primeira ou última metade da sessão.

Fim das Notas